

# Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, sobre a Villa romana de Milreu (Estoi, Algarve) – notícia preliminar\*

Felix Teichner\*\*

## Resumo

Com base nos últimos resultados de um programa de investigação científica, que incide sobre algumas *Villas* romanas no sul da Lusitânia, o autor apresenta novas hipóteses de interpretação para a área marcada com o n.º 21, assinalada na planta elaborada em 1877, aquando da primeira escavação na *Villa Romana* de Milreu, por Estácio da Veiga. A obtenção de novos dados permite uma reconstrução dessa zona, como uma grande área de produção de azeite, na época romana.

Palavras-chave: Arqueologia romana. Lusitânia. Produção de azeite. *Pars rustica*.

## Abstract

*With reference to the latest results of a scientific investigation programme on Roman villa sites in southern Lusitania, the author gives some new interpretations for the area, marked as No. 21, in the plan of the first excavation of the Roman villa of Milreu in 1877. There are strong indications that the area should be reconstructed as a major production place for olive oil during the Roman period.*

*Key-words: Roman Archaeology. Lusitania. Olive oil-Production. Pars rustica.*

\* A versão em português foi revista por Mariana Paulo e pela Dr.ª Ana Gonçalves (ambas da empresa Arkhaios em Évora). A apresentação desta notícia preliminar não seria possível sem o apoio dos meus colegas e amigos cand. phil. Thomas Schierl (Friedrich-Schiller-Universität em Jena / Alemanha) e Dr.ª Ann Neville (National University of Ireland, em Galway).

\*\* Universidade de Frankfurt am Main

Uma nova interpretação da área 21, a partir  
da planta elaborada por Sebastião Philippe  
Martins Estácio da Veiga, sobre a Villa romana  
de Milreu (Bastor, Algarve) - notícia preliminar

Clara Lechner

5

Resumo

Este texto tem o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa de investigação realizada em  
torno da área 21, situada no sítio da Villa romana de Milreu, no Algarve. A pesquisa foi realizada  
em 1977, sob a direção de Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga, e teve como objetivo  
principal a identificação da área 21, bem como a elaboração de uma planta preliminar da  
área, com base nos dados disponíveis no momento da pesquisa.

Palavras-chave: Algarve; Milreu; Villa romana; planta preliminar; área 21.

Abstract

This paper has the objective of presenting the results of the research carried out in  
the area 21, situated on the site of the Roman Villa of Milreu, in the Algarve. The research  
was carried out in 1977, under the direction of Sebastião Philippe Martins Estácio da Veiga,  
and had as its main objective the identification of the area 21, as well as the preparation  
of a preliminary plan of the area, based on the data available at the time of the research.

Key words: Algarve; Milreu; Roman Villa; preliminary plan; area 21.

1. A área 21, situada no sítio da Villa romana de Milreu, no Algarve, foi objeto de uma  
pesquisa de investigação realizada em 1977, sob a direção de Sebastião Philippe Martins  
Estácio da Veiga, e teve como objetivo principal a identificação da área 21, bem como  
a elaboração de uma planta preliminar da área, com base nos dados disponíveis no  
momento da pesquisa.

## 1. Situação actual do sítio

O sítio arqueológico de Milreu, situado na Freguesia de Estói, no Concelho de Faro (Algarve), é uma das mais significativas *villae* romanas do Sul de Portugal. As ruínas localizam-se no sopé da Serra de Monte Figo, a cerca de 7 km da cidade costeira de Faro, a antiga *Ossonoba* romana.



O conjunto edificado é constituído pela *pars urbana*, onde se podem observar mosaicos extraordinariamente bem conservados, bem como um imponente edifício religioso, os seus dois mausoléus e pelas diversas partes da *pars rustica*. Esta *Villa* é um óptimo exemplo de uma propriedade rural, que se formou e floresceu sob o domínio imperial romano (Hauschild, 1984/88; Teichner, 1997; Hauschild; Teichner, 2001).

Neste local foi identificado espólio datado do final da segunda Idade do Ferro, mas os primeiros edifícios identificados – até ao momento – foram construídos, somente, no princípio do século I d. C. Depois de um longo processo de várias alterações e expansões, o extenso peristilo da *Villa* ganhou a forma que se pode observar hoje em dia. A sudoeste existe um grande complexo bal-

near ligado à parte central da *Villa*, tendo esta sido construída à volta do peristilo. Os compartimentos mais privados, foram construídos à volta de um pequeno átrio.

A elevada qualidade da decoração dos compartimentos está patente, não só, nos extensos pavimentos com mosaicos e nas pinturas geométricas, que se podem observar nas paredes, mas também, na existência de inúmeros bustos em mármore, que representavam membros da família imperial romana. A elevada posição social dos proprietários é testemunhada pela decoração com bustos da imperatriz Agrippina (século I) e dos imperadores Adriano (século II) e Galieno (século III).

As alterações finais na *Villa* de Milreu ocorreram na segunda metade do séc. IV e dizem respeito à substituição dos pilares do peristilo, que inicialmente eram construídos em tijolo, por colunas em mármore e à introdução de peixes policromáticos nos mosaicos. Todo o edifício principal parece ter sido luxuosamente alterado e ornamentado.

Nas proximidades foi construído um edifício religioso, muito semelhante a edifícios romanos mais tardios, que podem ser observados em S. Cucufate ou na Quinta do Marim. Este complexo é construído em tijolo e *opus caementitium* com mais de 10 m de altura, lembrando um armário rodeado de colunas (templo períptero), elevado sobre um pódio. No espaço de uma geração este edifício pagão, provavelmente, um *nymphabeum* ou um mausoléu, foi convertido em igreja. Não se pode assegurar quando terá ocorrido esta transformação, mas é evidente que o baptistério, edificado provavelmente no século VI, no interior do recinto do templo, se sobrepõe a sepulturas mais antigas, já cristãs. Pode assim considerar-se que, já no século V, o edifício possuía uma vocação cristã (Hauschild, 1964; Teichner, 1994; Teichner, 1997).

Neste contexto, revelam-se de grande interesse as inscrições islâmicas, epigrafadas numa das colunas do edifício religioso, uma vez que, em formulário próprio da época islâmica do séc. IX, requer-se a Deus misericórdia para os membros já falecidos de pelo menos quatro gerações da mesma família muladi *al-Hammi*, cuja tradução significa «das caldas». Neste sentido, é legítimo pensar-se que o povoamento de Milreu permaneceu sem grandes alterações (inclusive, no que diz respeito ao proprietário) até ao final do I milénio d.C. (Sidarus; Teichner, 1996).

## 2. Pesquisas anteriores na área 21 da planta de Estácio da Veiga

Na história das investigações sobre Milreu figura, em primeiro lugar, o nome de Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga (Affonso dos Santos, 1972; 1997). Este mestre e pioneiro da arqueologia do Algarve foi o primeiro a efectuar em Milreu, em 1877, extensas escavações. Publicou então uma planta onde são bem visíveis o “opulento edifício balneário com 58 compartimentos”, as “casas de habitação” e as “oficinas industriais, arruamentos, canalizações”. Nesta planta figuram muitas construções, que já não são actualmente visíveis (fig. 1, Estacio da Veiga, 1880).

A área identificada nesta planta como área n.º 21 (fig. 1), objecto do nosso estudo, é indicada numa área a norte do peristilo, com algumas estruturas longitudinais com direcção norte – sul. Infelizmente a descrição de Estácio da

Veiga para esta área 21 e a sua interpretação nunca foi publicada. Mais tarde, uma grande parte da área escavada foi novamente enterrada, para ser reutilizada com fins agrícolas.

Neste contexto, não é claro que J. M. Pereira Botto, quando publicou em 1898 uma nova planta das ruínas de Milreu, tivesse observado todos os detalhes expostos na planta ou se faz apenas referência aos resultados de Estácio da Veiga (Pereira Botto, 1898). No entanto, Pereira Botto indica novamente na sua planta (fig. 2), as linhas gerais da área 21 da planta de Estácio da Veiga, mas atribui-lhe uma nova numeração (n.ºs 36-38), e além disso acrescenta mais um espaço a oeste, indicado como n.º 35. Para Pereira Boto (1898) este complexo fez parte das Termas, mais concretamente da “secção de ambulatória e ginástica”, interpretando o espaço n.º 35 como “Xysti, secção votado a exercícios de inverno com apodyteria em 36, 37, 38; divisões para jogos em 39; 40; etc.”

O conjunto arqueológico foi declarado Monumento Nacional em 1932, sendo objecto de novas pesquisas em 1941, dirigidas por Mário Lyster Franco (1942). Foram também realizadas intervenções para a conservação do conjunto monumental, promovidas pelo antigo director do Museu Arqueológico de Faro, Pinheiro e Rosa e pelos serviços do antigo IPPC. Estas obras nunca referem a zona a norte do peristilo. Uma explicação para este facto é manifestada nas plantas posteriores, elaboradas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1950 (Hauschild, 1964, fig. 7), onde se indica que a zona a norte do peristilo se encontrava ocupada por uma moderna instalação agrícola.

Em 1971, iniciaram-se novas escavações sistemáticas, bem como trabalhos de restauro dos mosaicos, que se prolongaram até finais dos anos noventa. Estes trabalhos decorreram sob a responsabilidade do Instituto Arqueológico Alemão (I.A.A.), da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e do Museu Monográfico de Conimbriga (Hauschild, 1984/88; 1997). No entanto, não foi possível identificar os diversos compartimentos longitudinais, indicados na primeira planta de Estácio da Veiga, como área 21 (Hauschild, 1964, pag. 8), mesmo depois de ter sido destruída a maioria das instalações modernas existentes em 1950. Assim só se conhecia, até ao momento actual, a interpretação da M. L. E. da V. Affonso dos Santos, que resumia em 1972: “A oeste do peristilo Estácio da Veiga indicou na sua planta uma série de construções referenciadas com os n.ºs 20, 20' e 21 e que Pereira Boto apenas esboçou, e que, hoje já não são visíveis, pois no seu lugar existe um grande pátio de Lavoura” (Affonso dos Santos, 1972).

### 3. As novas investigações e resultados da área 21

Desde 1997, está a decorrer no monumento um projecto de investigação científica, realizado pela Universidade de Frankfurt (Alemanha) em cooperação com o IPPAR (Direcção Regional de Faro) e com as Universidades de Jena (Alemanha), Galway (Irlanda) e Budapeste (Hungria), sendo financiado pela Fundação Fritz Thyssen (Colónia, Alemanha). Este projecto tem como finalidade a investigação das *villae* romanas e sua importância na economia da Lusitânia Romana, desde a romanização da costa e do interior, até à sua Cristianização e subsequente Islamização (Neville; Teichner, 2000).

Numa fase inicial realizaram-se diversas prospecções geofísicas na zona da *Villa* de Milreu (Hoffmann et al., 1999), a que se seguiram as primeiras escavações em 1999, sendo quase todas as actividades dedicadas à área a norte do peristilo.

O actual programa do IPPAR para conservação e restauro do sítio obrigou a realização de escavações de diagnóstico. Assim, foram realizadas sondagens sistemáticas de profundidade durante o processo de conservação e restauro dos mosaicos, que revelaram a existência de estruturas construídas no séc. I d. C., sob o pavimento do peristilo, entre estas, uma sala que servia como armazém para grandes *dolia*.

Por outro lado, durante as últimas campanhas do projecto levado a cabo pelo I.A.A. em 1995, o autor deste artigo identificou uma pequena cave (fig. 1, cave 3) numa zona próxima do peristilo, junto ao luxuoso *triclinium* (n.º 22 na planta de Estácio da Veiga). Esta cave, apesar de se encontrar junto à já mencionada área 21, não estava indicada na planta de Estácio da Veiga (1880). Provavelmente o número 35 da planta do Pereira Botto referia-se a esta construção, mas não se pode ter a certeza (fig. 2). Além disso, os detalhes técnicos encontrados em 1995 no interior da cave torna mais plausível a existência neste local de uma instalação agrícola do que esta fazer parte da *pars urbana* da *villa*. Em princípio, a *pars rustica* até ao momento conhecida apresentava-se em Milreu como um conjunto polinucleado de edifícios, que estavam identificados na planta de Estácio da Veiga (fig. 1) como: um lagar de vinho (n.º 64-65), uma adega (n.º 16) e alojamentos da criadagem (sem número, a sul do n.º 8).

Com efeito, durante os últimos três anos foi possível escavar um enorme complexo de produção de azeite a norte do peristilo, do qual a pequena cave (n.º 1) e os compartimentos (a citada área n.º 21) só constituíam uma pequena parte da área construída (Hauschild; Teichner, 2001). Desde modo, parece justificada a apresentação de uma pequena notícia sobre estes resultados, embora o relatório e o estudo final ainda estejam a ser elaborados.

Na sequência da descoberta de compartimentos com mais de 27 m de comprimento e com uma largura de pelo menos 21 m, começou-se a pôr a descoberto uma grande *pars rustica* com 4 níveis. A efectiva dimensão deste complexo continua por determinar, já que se encontra a norte da actual área protegida. Os muros romanos chegam até ao limite da área e teriam continuidade através do terreno privado contíguo, mas devem ter sido destruídos aquando da preparação do terreno para a plantação de um laranjal. Com base nas dimensões fornecidas pela planta de Estácio da Veiga, podemos calcular uma extensão dos compartimentos longitudinais de cerca de 27 metros, à excepção de um dos anexos norte, que atinge 33 metros (fig. 2).

Este grande complexo pode ser separado em diferentes unidades funcionais e arquitectónicas. Imediatamente junto ao *triclinium* da *Villa* e não muito afastadas do peristilo, conservaram-se em óptimo estado de conservação, três caves (*cellaria*). Mas a parte central do complexo parece ser a sala 21, já indicada na planta de Estácio da Veiga com um mínimo de 5×27 metros de extensão. As novas investigações confirmaram que o pavimento desta sala estava coberto na sua totalidade por grandes lajes. Aqui situam-se as cinco prensas de azeite construídas sobre este pavimento (fig. 3, d). Um sistema de canais e tubos de chumbo transportava depois o líquido para trinta e seis talhas

(*dolia*) localizadas dentro das duas caves (caves n.º 2 e n.º 3), situadas no lado poente das prensas (fig. 3, c).

Na época de Estácio da Veiga, estas caves só seriam visíveis à superfície do terreno, através do topo dos muros que delimitavam os compartimentos. Através das nossas escavações foi possível confirmar que a estratigrafia de entulho ainda conservava a situação original tardo-romana. Nestas caves, com 3 m de profundidade, o azeite ficava armazenado em local fresco e seco. No centro das caves, entre as talhas em cerâmica (todas com um diâmetro de cerca 0,8 m até 1 m), alinhadas em duas fiadas nos dois muros longitudinais, passava um corredor de acesso (fig. 3, c), ligado, através de uma rampa, ao nível do peristilo da *pars urbana*.

Além de tudo isto, foi também possível localizar nos dois compartimentos, no lado nascente, com pavimento de lajes, já indicado na planta de Estácio da Veiga, as posições dos contrapesos das cinco prensas (fig. 3, e). Uma terceira dependência subterrânea (cave n.º 1) encontrou-se a oeste da cave n.º 2. Esta cave e aquela, que foi parcialmente descoberta pelas investigações do IAA em 1991, não estava indicada na planta de Pereira Botto (1898). O acesso a esta dependência era feito através de um grande portão na direcção da rampa. A existência de uma larga banquetta em alvenaria, ao longo da parede sul, servia para colocar os recipientes de armazenagem e protegê-los da humidade. A metade do lado oposto, a norte, é ocupada por um conjunto de tanques revestidos a reboco de cal, com cerca de 1 m de profundidade, que servia originalmente para guardar um líquido.

A existência de três dependências, situadas a norte, junto à cave n.º 1, mas sem comunicação com ela, é também um novo dado em relação à planta antiga. Estas dependências, desenvolviam-se ao longo da encosta voltada para o rio, semi-enterradas na vertente, de forma que o acesso era feito através de portas situadas do lado poente de um pátio aberto, aqui localizado, enquanto o lado nascente se apoiava contra os muros das caves n.º 2 e n.º 3. Uma segunda rampa dava acesso ao nível do chão, onde se localizam as prensas, já anteriormente descrito. A interpretação destas dependências como pertencentes à *pars rustica* apoia-se na descoberta de uma mó com cerca de 1 m de diâmetro e quase outro tanto de altura, que se encontrava virada ao contrário sobre um pavimento de tijoleiras bem conservado. Prova disto são os dois entalhes em «cauda de andorinha», agora sobre o chão e que serviam para fixar o dispositivo de madeira que permitia girar este movente sobre um dormente semiesférico. A superfície interna de moagem, notoriamente estreita, com as suas fundas estrias radiais, não permite uma interpretação como mó de cereais, pelo que ela deve ter servido para esmagar a azeitona, tal como foi descrito por Columela na sua obra *De Re Rustica*. O esmagamento das azeitonas num dispositivo de moagem (*suspensa mola*) facilitava o subsequente trabalho de extrair o azeite, que tinha lugar no compartimento anexo (ver: Frankel, 1993). A base desta mó com um canal colector para o líquido proveniente das azeitonas esmagadas estava localizada no interior do compartimento imediatamente a norte da cave 1 (fig. 3, b).

Em conclusão, podemos agora enriquecer aquilo que o mestre Estácio da Veiga já incluía na sua planta de Milreu, publicada em 1880 – uma série de compartimentos, a noroeste do peristilo – revelando a funcionalidade do conjunto.

As novas investigações (ainda em curso) podem confirmar que tudo fazia parte da *pars rustica*, mais exactamente, de um grande complexo de produção de azeite; com cinco prensas, uma mó e três caves, para armazenagem do azeite.

Todas as questões da reconstrução técnica das prensas (fig.3), da definição das fases de construção, assim como da sua cronologia, vão ser objecto das futuras actividades do actual projecto científico europeu e interdisciplinar, realizadas no momento nesta área e dirigidas pelo autor.

Por ora, é possível confirmar que este complexo de produção, erigido no início do século II d.C, esteve em uso, no mínimo, até finais do século V, tendo sido sujeito a diversas alterações e reduções (fig. 4).

### Bibliografia

- BOTTO, C. P.(1898) - Ichonographia parcial das construções luso-romanas de Milreu (Estói, Algarve). *O Archeologo Português*. Lisboa. IV, p. 158-160.
- BRUN, J.-P. (1986) - L'oléiculture antique en Provence. Les huleries du département du Var. *Revue Archéologique de Narbonnaise* Suppl. XV. Edition de CNRS, 312 p.
- BRUN, J.-P. (1997) – Production de l'huile et du vin en Lusitanie romaine. *Conimbriga*. Coimbra. 36, p. 45-72.
- FRANKEL, R. (1993) - The Trapetum and the mola olearia. In M. - C. Amouretti; J.-P. Brun; D. Eitam, La production du vin et de l'huile en Méditerranée - Oil and Wine Production in the Mediterranean Area. *Bulletin de Correspondance Hellénique*. Paris. p. 477-482. (Suppl. ; XXVI).
- HAUSCHILD, Th. (1964) - Der Kultbau neben dem römischen Ruinenkomplex bei Estói in der Provinz Lusitania. Berlin: Edição do autor.
- HAUSCHILD, Th. (1984/88) – O edifício de culto do complexo de ruínas romanas perto de Estói, na provincia da Lusitânia. *Arqueologia e História*. Lisboa Sér. 10, I-II: 1, p. 123-150.
- HAUSCHILD, Th. (1997) - Milreu, Estói. Villa romana e santuário. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 407-414.
- HAUSCHILD, Th.; TEICHNER, F. (2001) – A Villa romana de Milreu. Lisboa: Roteiros da Arqueologia Portuguesa 70 p.
- HOFFMANN, B. [et. al.] (1999) - The First Geophysical Survey at the Roman Villa of Milreu (Algrave/Portugal). In *Third Internat. Conference on Archaeological Prospection*. Arbeitsb. d. Bayer. Landesamtes f. Denkmalpflege 108. München: Bayer. Landesamt f. Denkmalpflege, p. 43-44.
- LYSTER FRANCO, M. (1942) - As ruínas romanas de Milreu. *Boletim da Junta de Províncias do Algarve* Faro, 1-12.
- NEVILLE, A.; TEICHNER, F. (2000) - Cristianization, Romanization and Islamization in southern Lusitania. *Antiquity*. Cambridge 74 (1), p. 33-34.
- SANTOS, M. L. E. V. A.(1972) - Arqueologia Romana do Algarve II. Lisboa: Editora Pax.
- SANTOS, M. L. E. V. A.(1997) - A carta arqueológica e o Museu do Algarve. In *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 21-43.
- SIDARUS, A.; TEICHNER, F. (1996) - Termas romanas no Gharb Al-Andalus. As inscrições árabes de Milreu (Estói). *Arqueologia Medieval*. Mértola. 5, p. 177-189.



TEICHNER, F. (1994) - Acerca da vila romana de Milreu/Estói - Continuidade da Ocupação na Época Árabe. *Arqueologia Medieval*. Mértola.3, p. 89-100.

TEICHNER, F. (1997) - Die römischen Villen von Milreu (Algarve / Portugal). Ein Beitrag zur Romanisierung der südlichen Provinz

Lusitania. *Madriker Mitteilungen* Mainz. 38, p. 71-98.

VEIGA, S. P. M. E.(1880) - A tábula de bronze de Aljustrel. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia. 71 p.



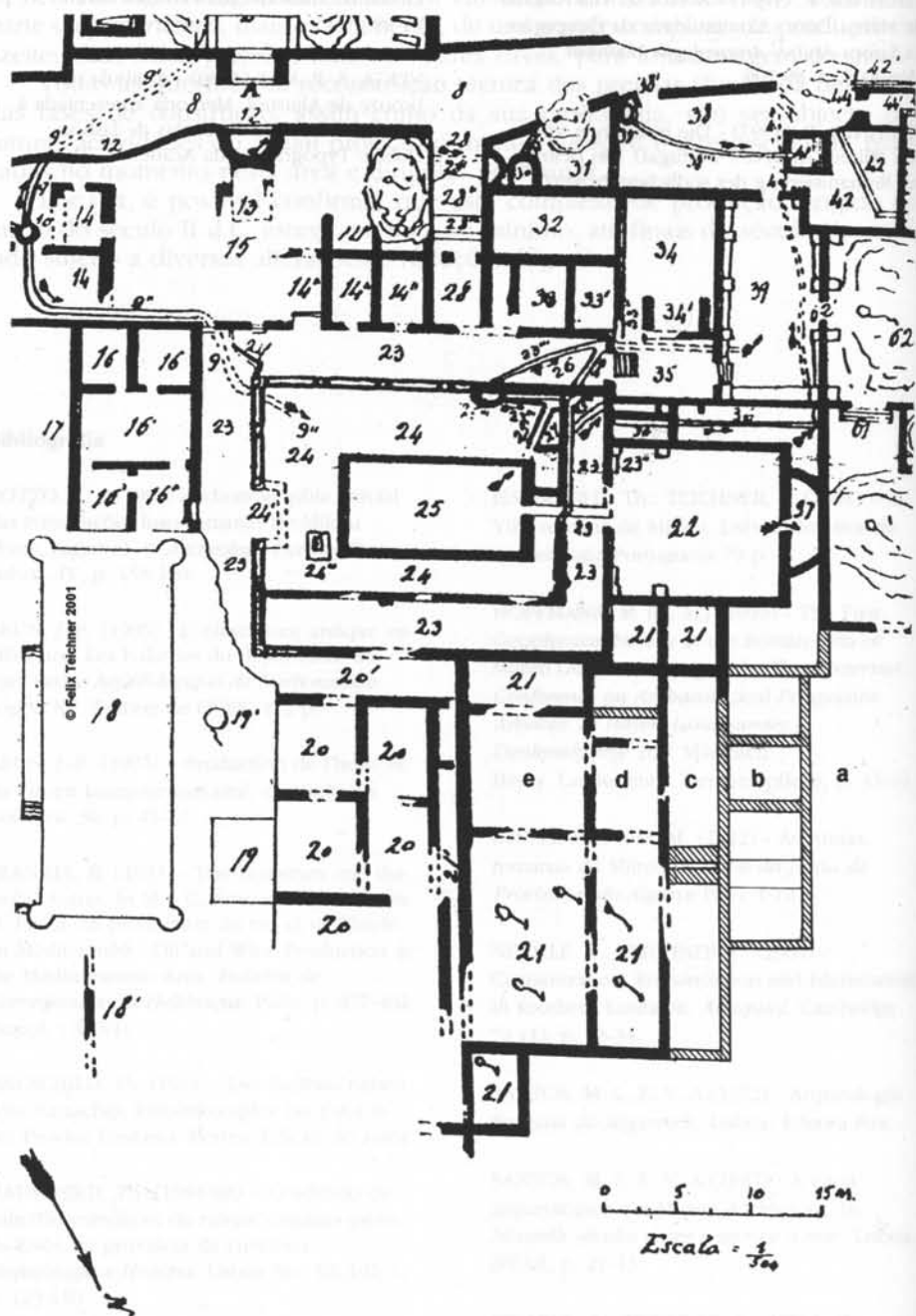


Fig. 1 – Pormenor da planta de Estácio da Veiga elaborada em 1877 (preto), com a adição dos novos resultados dos últimos três anos (em perspectiva, não em escala certa).

Cerâmicas romanas do lado ocidental  
do castelo de Milreu do Sal, 2  
cerâmicas de vizinhança negra e cinzentas

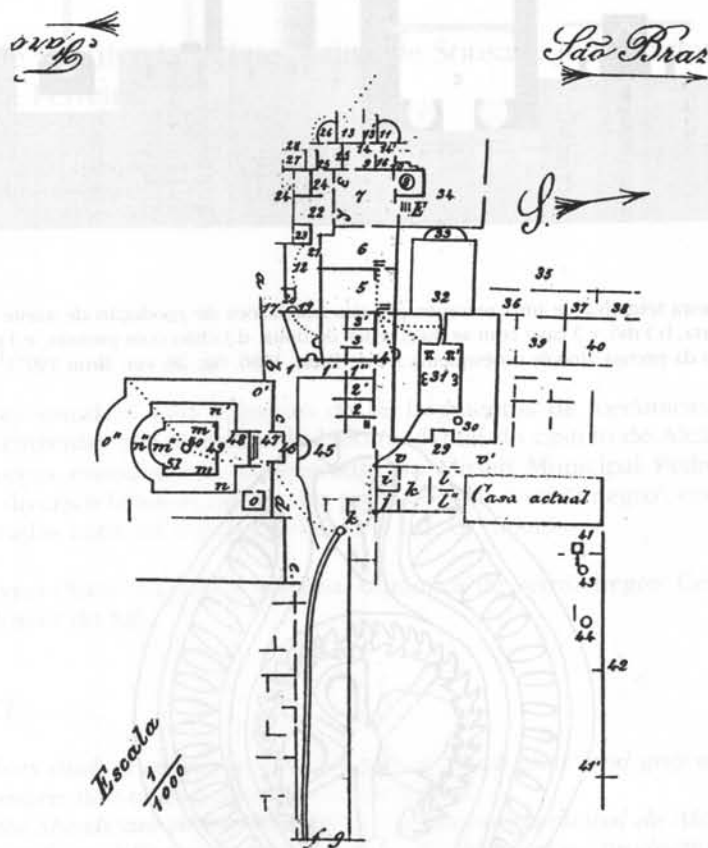


Fig. 2 – Planta das Ruínas de Milreu publicada em 1898 por Pereira Boto. No entanto as salas que nos interessam são as n.ºs 35-40.

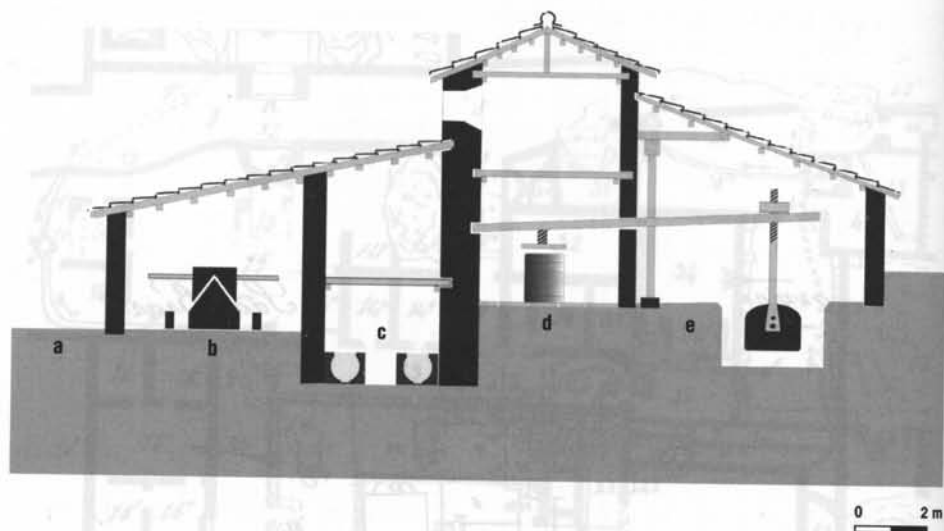


Fig. 3 – Primeira tentativa de uma reconstrução das instalações de produção de azeite em Milreu. a.) praça aberta, b.) mó, c.) cave com as duas redes de dolia, d.) chão com prensas, e.) contrapesos (reconstrução da prensa através do esquema A4 de Brun, 1986, fig. 28; ver: Brun 1997).

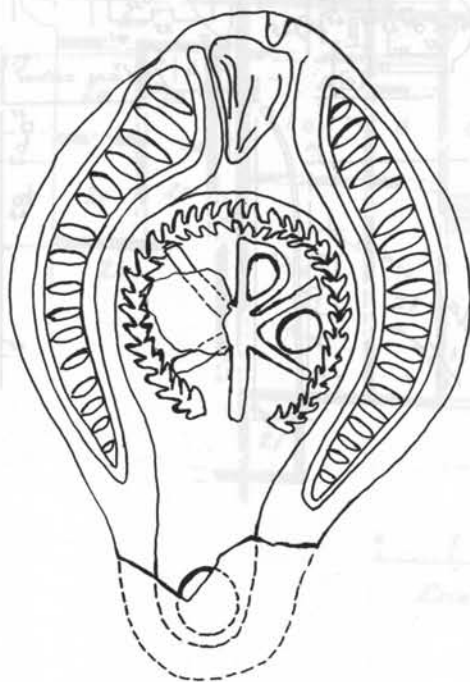


Fig. 4 – Lucerna tardo-romana de importação do Norte de África com o Xristogram Chi-Roh encontrada na área da produção de azeite.